

Arbre de l'oubli: a fúria do mundo vista por Nancy Huston

Arbre de l'oubli: the fury of the World seen by Nancy Huston

Nubia Hanciau¹

Submetido em 10 e aprovado em 24 de outubro de 2021.

Resumo: O último romance de Nancy Huston, *Arbre de l'oubli*, é construído em torno de Shayna, a heroína. Ela foi criada por Joel, professor de antropologia, judeu, nova-iorquino, casado com Lili Rose, professora emérita de literatura, protestante de New Hampshire. Com Lili Rose incapaz de procriar, Shayna é concebida por uma mãe afro-americana. *Filha de cor com pais brancos*, apesar do amor incondicional dos pais, Shayna busca sua legitimidade, sua singularidade. Um percurso difícil o da procura da sua identidade e das suas raízes africanas que a levará à beira da loucura. Muitos assuntos são abordados nessa trajetória, todos de atualidade escaldante. Nancy Huston, nome importante no campo dos estudos canadenses, reflete em *Arbre de l'oubli*, sobre questões de filiação, maternidade, adoção de filhos de etnia diferente. Ao mesmo tempo, testemunha a experiência da imigração, o trauma do Holocausto, a religião, o laicismo, o feminismo, a agressão sexual, sem esquecer de explorar as grandes divisões ideológicas. Com o apoio teórico de Anne Muxel em *Individu et mémoire familiale*, a leitura desse romance contribui para iluminar e aprofundar os argumentos que dividem ou unem os debates em torno da raça no panorama intelectual e literário atual.

Palavras chave: Shayna, busca de identidade, raízes africanas, árvore do esquecimento, Nancy Huston

Abstract: Nancy Huston's latest novel, *Arbre de l'oubli*, is built around Shayna, the heroine. She was raised by Joel, a Jewish anthropology professor and New Yorker, married to Lili Rose, professor emeritus of literature, Protestant from New Hampshire. With Lili Rose unable to procreate, Shayna is conceived by an African American mother. *A colored daughter with white parents*, despite her parents' unconditional love, Shayna seeks her legitimacy, her uniqueness. A difficult journey is the search for her identity and her African roots that will take her to the brink of madness. Many subjects are covered in this trajectory, all of them efficiently current. Nancy Huston, an important name in the field of Canadian studies, reflects in *Arbre de l'oubli* issues of parenthood, motherhood, adoption of children of different ethnicity. At the same time, it witnesses the experience of immigration, the trauma of the Holocaust, religion, secularism, feminism, sexual aggression, without forgetting to explore the great ideological divisions. With the theoretical support of Anne Muxel in *Individu et mémoire familiale*, reading this novel helps to illuminate and deepen the arguments that divide or unite debates around race in the current intellectual and literary panorama.

Key words: Shayna, identity search, African roots, arbre de l'oubli, Nancy Huston

Mas, que importa tudo isso? Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre? (Cruz e Sousa. “Emparedado”, in *Embarcações*).

É janeiro de 2016, Uagadugu, capital de Burkina Faso. Neste mais recente romance de Nancy Huston, *Arbre de l’oubli*, a americana Shayna Rabenstein, filha “marrom” de um casal “bege”, é a primeira personagem apresentada e centro da história. Shayna tem vinte e quatro anos quando parte com Hervé, seu companheiro haitiano, do aeroporto de Newark, nos Estados Unidos, em direção à África. Essa viagem será ritmada pela escrita no diário que Shayna adquiriu quando fez escala em Bruxelas. Nele, logo depois das palavras BURKINA FASO, lê-se a advertência: “Todas as entradas serão em maiúsculas devido aos gritos que, de agora em diante, se desencadeiam em ti” (p. 11)². Na verdade são gritos de raiva, intercalados em maiúsculas nas mais de trezentas páginas do romance, devido à dificuldade de ordenar o quebra-cabeça. Gritos que remetem à epígrafe de abertura, retirada do romance *Tulipe* (1946), de Romain Gary, e que, obviamente, guiou a escritora: “Já não é uma questão de dizer, meu mestre. É uma questão de gritar, apenas”.

É também durante essa primeira viagem à África que a jovem mergulhará no coração de sua turbulência interior; e será mais assombrada ainda pelo peso dos ultrajes do passado somados aos do presente. Rompendo com a prosa elegante do romance, os curtos textos escritos em letras maiúsculas transmitem o borbulhar íntimo, intenso e ininterrupto, em que vozes e imagens se chocam. Essas passagens de dor e raiva permeiam o livro, que é tão amplo e abrangente quanto brutal e intransigente, deixando pouco espaço para o amor, a ternura e a redenção. Não é hora de perdão, apenas de diálogo, neste mundo de fogo e sangue, onde, para sonhar com o futuro parece impossível fugir do passado.

Não é fácil saber por onde começar. Talvez só tenha que me lançar, me impulsionar, um pouco ao acaso... oh, Hervé, que me dará a eloquência, a poesia e a confiança que preciso para te contar com calma minha história – com muita calma (...) reduzir meu passado a migalhas e construir uma obra de arte a partir das ruínas. Para nós, Hervé amor. Para que nós possamos sonhar com um futuro (p.77).

Salta-se no espaço e no tempo, do país da costa africana de hoje para Nova York, Bronx, em 1945. Os irmãos Joel, cinco anos, e Jeremy, oito, ouvem apavorados os gritos de Jenka, sua mãe. Ela e o marido Pavel ficaram sabendo nesse momento que os parentes, que permaneceram em Praga, foram exterminados em Theresienstadt e em Auschwitz. Nessa noite, essa família americana judia e laica passa a viver em nova dimensão depois do pesado tributo pago à Shoah. Como muitos judeus, após a revelação da extensão dos crimes nazistas, eles necessitam valorizar a origem, não deixar todo aquele horror se perder no esquecimento: os meninos serão matriculados em uma escola hebraica, usarão o solidéu e adotarão uma prática religiosa que ignoravam até bem pouco tempo atrás. Joel, do seu lado, procurará despertar de todas as maneiras o mesmo amor da mãe por Jeremy, seu irmão rival e dela preferido. No dia de seu *barmitzva*, quando atinge a maioridade religiosa e a obrigação de cumprir os preceitos iniciatórios, Joel percebe, finalmente, a alegria nos olhos da mãe ao vê-lo tornar-se um belo “homem judeu”. Contudo, jura nunca mais comer animais, nunca mais usar o solidéu e nunca mais colocar os pés em uma sinagoga.

Logo a seguir, de 1955 a 1960, a autora nos conduz a Nashua, estado de New Hampshire, a Lili Rose, futura mãe adotiva de Shayna, agora com apenas seis anos. No tempo e no espaço vê-se crescer simultaneamente uma jovem e seus futuros pais, o pai biológico e a mãe adotiva. Embora seguindo seus próprios galhos e linhagem, suas histórias são contadas em paralelo, em astuciosa construção narrativa, onde a genealogia é tema presente e inarredável, apresentando a família como se fosse uma unidade lógica, composta, entretanto, por seres com percursos tão diferentes que só mesmo a maestria da ficção de Nancy Huston poderia fazer combinar.

O destino do judeu Joel Rabenstein e da protestante Lili Rose Darrington é fundamental na trama complexa da identidade de Shayna, primeira voz que se ouve e cuja busca identitária é o eixo do romance. Filha adotiva desse casal rico e privilegiado mas que não conseguiu conceber, com eles Shayna formará a tríade central do livro. Na sequência a autora amplia o foco para revelar, em tortuosa trajetória, os elos que os unem aos aspectos mais sombrios da história atual, misturando épocas e espaços para dar vida e recuperar suas histórias pessoais.

Concebida por GPA (gestação por outra pessoa), para Shayna toda a explicação estaria concentrada em seu nome em iídiche: shine (beleza), de acordo com seus pais; para Hervé *shy* (tímida); para ela, porém, apesar do seu incondicional amor, significaria *shame* (vergonha). Na busca da compreensão, da legitimidade e de sua singularidade, o que ela sente, no entanto, é o que os outros lhe devolvem: “jovem de cor com pais brancos”, uma assimilação difícil de fazer no trajeto obstinado do rastreamento de suas raízes, e que a conduzirá à beira da loucura.

Inconformada ante a impossibilidade de saber mais sobre a quase desconhecida e verdadeira mãe, Shayna insiste em retomar a ascendência apagada, em entender a desarticulação e a tentativa de escamotear sua origem. Para resolver a equação tudo faria para ter acesso a essa fibra do seu ser, reatar os laços cortados com as raízes africanas.

Eu me voltaria para Jeová, o grande Deus de Israel, colérico e solitário, que fez nascer o povo do meu pai; mas ele não me perdoaria por ter nascido em um corpo de mulher – e o pior, de uma não-judia. Eu me voltaria para o deus do povo de minha quase-mãe, esse velho companheiro de olhar severo e barba branca, que ensina a contenção e a sobriedade, o trabalho duro e pouco repouso; chocado com meus modos de criança selvagem, ele se afastaria de mim beliscando o nariz. Quanto aos deuses inumeráveis dos meus preciosos desconhecidos ancestrais africanos, assassinados, provavelmente eu sentiria seus batimentos do coração em meu sangue, tal qual o rufar de tambores, atenuados, porém, pelo tempo e pela distância, quase imperceptíveis (p. 97).

Na verdade, da mãe biológica só se sabe o nome: Selma Parker. Sua ausência, seu silêncio quase ontológico, sua invisibilidade (desejada pela autora), torna-se indissociável da pele negra que diferencia Shayna de seus pais. Personagem fundamental, mesmo assim sem voz própria, Selma não é descrita em nenhum capítulo do romance; existe apenas na imaginação de Shayna, que a partir dos dez anos quer encontrá-la por todos os meios, mesmo que não receba nenhuma resposta às cartas que lhe escreve; ela vai a Baltimore, onde a desconhecida reside, mas lá só há vazio. Selma recusa a aproximação, o reencontro, o reconhecimento, a narração. O desencanto da menina ao constatar que seu corpo fora rejeitado desde a concepção vai tomando vulto e proporção, na mesma medida em que a sombra dessa mãe ausente cresce: jovem negra, além de não se reconhecer na pele da mãe branca, ela também não recebe do pai a transmissão da judeidade que ele próprio abandonara.

Retorna em *Arbre de l'oubli* um tema poderoso e caro, abordado nos romances precedentes de Nancy Huston: *L'Empreinte de l'ange* (1998), *Dolce agonia* (2001) ou *Lignes de faille* – prêmio Femina (2006) –, para citar os mais conhecidos entre as mais de duas dezenas que escreveu. A autora declara à revista *Lire*: “O vínculo que tive quando pequena com minha mãe foi um vínculo de ausência, exclusivamente nutrido pela imaginação e evocação através de suas cartas, de suas palavras”. É assim, reiteradas vezes, que a escritora explica seu interesse pela literatura, atribuindo-o ao abandono que dela fez uma romancista precoce. Ao escrever cartas à mãe ausente, a menina Nancy interroga-se sobre as razões incompreensíveis de a mãe ter ido embora, o quanto esse trauma lhe exigia imenso e perpétuo esforço da imaginação. Pode-se afirmar, sem medo de errar, que os livros tornaram-se a mãe substituta de Nancy Huston. E que esse trauma foi a base de muitos de seus cenários romanescos.

Em *Arbre de l'oubli*, continuando o percurso da saga familiar, sabe-se que Joel é filho de Jenka e Pavel Rabenstein, que ele defende a causa animal, é vegetariano, indigna-se contra o racismo e o passado escravagista do seu país. Sabe-se também que além de brilhante antropólogo ele acumula os encargos de professor de etnologia, pesquisador, e que, por muito tempo, foi abstinente sexual. Por outro lado toma-se conhecimento de que Lili Rose, nascida nos anos 1950, burguesa simpática, filha única de Eileen e David Darrington, foi educada para ser uma perfeita *poupée*; todavia, entre os oito e nove anos, ela sofre avanços de um professor de música. A partir desse incidente do qual sai apavorada, nascem suas descrenças na religião, seu ceticismo, que a desviam do caminho traçado. Lili Rose multiplica os amantes antes de casar. Mais tarde, tenta preencher “essas imperfeições”, “essas fragilidades” que experimentou com estudos sobre o feminismo, tornando-se professora emérita, especialista em teorias de gênero, autora de uma tese sobre mulheres vítimas de abuso.

Lili Rose encontra Joel em 1985, amam-se e casam. Shayna, sua única filha, foi adotada aos cinco dias de vida, em 1992. Aparentemente tudo ia bem, não fossem ela e Joel brancos (que Nancy Huston persiste em chamar de “beges”, e de “marrom” a menina); mas não levou muito tempo para que Shayna experimentasse o sentimento de contrastar, de não estar em seu lugar naquele lar: “teu cabelo está enrolando cada vez

mais, acaba formando uma verdadeira pequena afro que resiste a todos os esforços para alisá-lo” (p. 75).

Ao seguir no tempo e no espaço as trajetórias de Joel, Lili Rose e Shayna, o leitor viaja em um vai e vem entre lugares e épocas entrecruzados a temas diversos; das ascendências e infâncias à idade adulta, atravessa o século vinte, desde a Segunda Guerra até nossos dias. Huston não se furta em abordar seus temas prediletos quando ilumina as personagens em suas numerosas zonas sombrias, telescopando-as em orquestração digna da grande autora que é. Revela o que se transmite e se transforma de geração em geração: a mãe que acumula amantes, a filha, ainda virgem aos vinte e dois anos. Em des/ordem ela vai explorando terremotos ideológicos, perscrutando suas vidas interiores, vidas que restituem os ruídos do mundo.

Em cada capítulo uma mudança de época: 2016, 1945, 1960, 1969, 1994; alternam-se os espaços, fáceis de descrever para a autora que viveu por algum tempo na maioria deles: Uagadugu, Bronx, Manhattan, Monadnock, Nashua... Intercalam-se também as personagens: Shayna, Joel, Jeremy, Lili Rose... Assim, como toda memória,

a memória familiar deve conjugar todos os tempos, passado, presente, futuro. Mais que um elo entre passado e presente, ela é o presente de um passado, guardiã das lembranças da infância e servidora zelosa dos desejos, dos interesses, mas também das reivindicações e dos arrependimentos de hoje (MUXEL, 1996, p. 8).³

Logo, não serão apenas as alusões que levarão o leitor ao conhecimento da história de cada um(a), suas múltiplas ramificações, mas sim o estreito contato com sua infância, adolescência e vida adulta, os espaços, o tempo e a vida que vivem e que tanto importam na vida da heroína. Cabe trazer aqui Maurice Halbwachs, pois ele, ao definir a estrutura analítica da memória familiar, concebe a família como “um grupo de pessoas diferenciadas”. E ao enfatizar a especificidade do ambiente familiar e o paradoxo existencial que se segue, ele assegura: “em nenhum lugar o lugar do indivíduo parece mais predeterminado, sem levar em conta o que ele quer e o que ele é” (HALBWACHS, 1976, p. 163).⁴

Histórias na história é a consequência do que a escritora canadense, que viveu nos Estados Unidos e há décadas vive na Europa, tem o mérito de apresentar em diferentes

tempos e acontecimentos sociais, demonstrando seu vasto conhecimento cultural. Nelas interpedem-se mistérios, dúvidas que se somam às barreiras até que se consiga extrair as origens e a verdadeira história da jovem mestiça. Cada personagem encarna um pedaço da história do mundo, em um *maelstrom* de lugares, mulheres e homens aos quais é concedida livre voz, mesmo correndo o risco de chocar, de polemizar ao serem desenhados tão atormentados. Primeiro lhes é necessário aprender a lidar com quem são, compreenderem-se a si mesmos depois, e, só então, aprenderem a se desfazer do que são para compreenderem os outros. Para tanto são empregados os mecanismos da memória, do esquecimento e da imaginação, são trazidos ao texto vestígios que preenchem os interstícios (ou “buracos”) da história para entender o próprio estar no mundo e o contínuo processo de construção identitária. Mais do que isso, ao assegurar o fluxo entre o passado e o presente, *Arbre de l'oubli* contribui para compormos a necessária, porém muitas vezes deficitária memória mais longa de nossas comunidades culturais.

“Barqueira da cultura” ou agente intermediária entre culturas, feminismo, classes sociais, gênero, procriação, racismo, identidade, pedofilia, religião, saúde mental, ecologia..., são somados a outros tantos temas tabus convocados e às contradições da ardente atualidade na escrita poderosa, impactante, poética por vezes, de Nancy Huston. História viva, se *Arbre de l'oubli* evidencia problemas essenciais é, sobretudo, para revelar a maneira traumática ou superficial como uns e outros atravessam e reagem às tragédias do mundo: o Holocausto, o tráfico negreiro, o 11 de Setembro ou a Guerra do Iraque.

Nancy Huston, cuja eloquência, olhar aguçado e inteligência irônica destacam-se nessa obra, fez com que eu experimentasse a sensação de me reunir com alguém conhecido de longa data, na realidade encontrada em Paris e no Brasil, alguém que consegue traduzir o tempo e que não perdeu absolutamente nada de sua capacidade de compreender o mundo e os outros, uma de suas maiores qualidades. Mais do que isso, trata-se do reencontro com uma grande romancista de hoje, portadora de infalível energia literária, política e vital, que não cessa de questionar os sons do mundo. Nascida na província de Alberta, Nancy cresceu no Canadá anglófono, lugar das fortes lembranças que percorrem sua obra multiforme e rica: além de escrever romances, vários resenhados nas páginas

da *Interfaces Brasil/Canadá*, produziu novelas, ensaios, teatro, correspondência, livros infanto-juvenis, diálogos entre seus próprios textos, fotografias, desenhos, pinturas. Dentre suas lembranças sobressai a lembrança fundadora da mãe que decide deixar o lar e seus três filhos para prosseguir os estudos nos Estados Unidos. Seu fascínio pelo escritor Romain Gary (1914-1980) se deve às múltiplas identidades, às numerosas vozes do autor que o aproximam da sua história, não por acaso em relação ao abandono pela mãe, mas também em relação às trocas de endereço: os pais de Nancy Huston mudaram-se dezoito vezes em nove anos de casamento: Toronto, Edmonton, Calgary, nunca na mesma cidade! A cada vez era preciso mostrar-se capaz de se inserir e adaptar a novas situações, o que sempre implicava desempenhar um papel. Gary (e seus heterônimos Émile Ajar, Fosco Sinibaldi, Shatan Bogat) representa uma espécie de espírito tutelar; ninguém como ele fez elogio tão belo, nem forneceu tantas provas de imaginação romanesca, nunca cessando – no esplendor de suas contradições – de dar forças à escritora. Por isso ela lhe dedica, entre outras homenagens, o livro *Tombeau de Romain Gary* (1995), a conclusão de *Professeurs de désespoir* (2004), várias epígrafes em *Espécie fabuladora* (2010) e a epígrafe de abertura de *Arbre de l'oubli*.

Instalada na França aos vinte anos, N. Huston descobre outra cultura e ao mesmo tempo os combates feministas, causa pela qual continua a tomar posição até hoje, aspirando que o feminismo não se limite à esfera sexual, mas denuncie “os valores viris que governam o planeta”, levam à guerra e às violências físicas. A música, um dos grandes temas de sua vida, evidencia-se em inúmeras colaborações com músicos incluindo Freddy Eichelberger, organista e cravista com quem ela improvisa leituras musicais. Podemos acompanhá-la em Paris, nas oficinas de música e poesia que conduz com paixão. Hoje a ecologia, as relações entre países ricos e pobres estão no centro do seu trabalho e em *Arbre de l'oubli*, livro da busca das origens através de uma família americana observada ao longo de três gerações.

Abrangente na abordagem dos temas, a discriminação étnica é, contudo, seu cavalo de batalha no romance em pauta. As desigualdades entre aqueles que chama de marrons e de beges vão ganhando corpo ao longo dessa narrativa, no diálogo e na ação, no constrangimento e na ignorância. Ela não ataca o problema de frente, mas lida com ele

de forma indireta, confrontando o leitor com as situações de desconforto. Mesmo depois de fechar o livro, certas cenas permanecem na memória; por exemplo a constrangedora viagem a Cuba, marcada por olhares desaprovadores – Shayna fica zangada, mas como explicar ao pai que ali ele representa um velho bege caminhando com uma jovem marrom e o que isso significa naquele lugar?

A cor da pele de Shayna, negra como a de Selma Parker, estabelece uma fronteira intransponível entre ela e Lili Rose. São estranhas as conversas entre essa mãe e essa filha, fisicamente tão diferentes: é a própria segregação no seio da relação. Pode-se imaginar ou esperar que Shayna descubra da família adotiva as narrativas de filiação que a concernem e recusa aceitar, mas primeiro precisará conectar o elo rompido com a mãe biológica, estabelecer a paz com o destino dos afro-americanos que a atravessa, dentro da estreiteza de uma relação familiar parcial, orientada. Todavia, o brilho acadêmico dos discursos sem fim de Lili Rose a gelam de raiva e afogam seu pensamento. Vejamos um deles, a respeito do bronzamento, sua obsessão desde a adolescência:

Toda a história do bronzamento é uma farsa, Shayna! Certamente você notou que bilhões de marrons ao redor do mundo não passam longas horas descansando nas praias, não é mesmo? Apenas os beges podem fazer essas coisas. Mas, na verdade, este é um fenômeno muito recente, que existe há algumas décadas apenas. Durante séculos, ao contrário, o Ocidente só elogiava a pele de alabastro. Enquanto José, Maria e Jesus eram obviamente palestinos morenos, todos os artistas da Renascença escolheram pintá-los pálidos. A brancura rimava com pureza, asas de anjo – especialmente entre as mulheres, cujos vestidos, anáguas e outros lenços de renda deviam ser tão brancos quanto suas almas – bastaria pensar em Otelo e Desdêmona, não é mesmo? As mesmas metáforas floresceram ao longo do Iluminismo, até o romantismo do século dezenove, incluindo Goethe, Byron, Tennyson, Longfellow, Shelley, toda a turma! E por quê? Pois bem, é simples: uma tez escura era associada aos camponeses que labutavam de manhã à noite sob o sol, isto é, à pobreza, enquanto a pele clara denotava uma existência indolente e caseira, o que queria dizer riqueza. Mas então chega a revolução industrial e, de repente, acontece o contrário: em vez de camponeses bronzeados, as classes inferiores são trabalhadores pálidos, doentios e raquíticos, trancados dezesseis horas por dia nas minas e nas fábricas. De repente, para distinguir-se, as classes altas não precisam mais clarear a pele, ao contrário, escurecê-la! E quando sua pele branqueava devido aos milênios vividos em climas frios, decidiram infligir-lhe à força um tom marrom dourado

sensual, expondo-a ao sol! Aparentemente foi Coco Chanel quem deu início à moda na década de 1920; espalhou-se como um incêndio na floresta entre as classes altas em todo o Ocidente. A partir daí, o fato de ter a pele morena (embora ainda oficialmente bege) indicava que você era rico, capaz de gastar grandes somas de dinheiro em praias tropicais ou salões de bronzeamento. Naturalmente, esse escurecimento implacável de sua pele não tornava as pessoas menos racistas – não as impedia, por exemplo, de votar para que seus preciosos filhos bege fossem dispensados do serviço militar, ou contra os ônibus escolares que transportavam as crianças morenas para os bairros bege...” (p. 234-5).

A prosa privilegia o diálogo e a oralidade para fazer a história girar em torno de descrições concisas, concretas, por momentos hilárias, em que os impulsos secretos, perturbados, às vezes sexuais, são explícitos e permitem ao leitor acompanhar e compreender cada personagem com facilidade. O talento da escritora “fabuladora”, contadora de histórias, pode até mesmo ser considerado mais interessante do que o ponto de vista anti-racista subjacente. Porque, ao nos fazer descobrir suas personagens, ao conduzir a dança de uma à outra e assim revelar o que as conecta e o que elas próprias não veem, a visão que se tem é a de uma humanidade comum, dilacerada por partições identitárias que ameaçam, muitas vezes tornando-se paredes intransponíveis.

Nos capítulos intercalados que se completam e terminam convergindo, há singular introspecção sob a forma de perguntas/respostas. E mesmo ante “certo desconforto” experimentado na leitura das primeiras páginas ao lidarmos com um universo fragmentado, caleidoscópico, os pedaços aos poucos vão se encaixando, as histórias entrecruzando-se até chegarmos à constituição da identidade de Shayna, atormentada por seus inúmeros demônios interiores, à procura de respostas sobre seu nascimento, seu lugar na sociedade. Enfim um romance virtuoso, à escuta dos rastros dessa personagem de interioridade confiscada, apresentada em luminosas interconexões humanas.

Entre as obsessões de Nancy Huston, é oportuno esclarecer, está o fenômeno histórico dos escravos, o comércio negreiro de milhões de vítimas deportadas da África para as Américas. Impressiona-a o aumento da população negra, o estupro sistemático nas plantações de algodão, café, tabaco, os processos de apagamento da memória dos povos africanos escravizados em território estadunidense e o quanto a economia dependeu da escravatura nos últimos quatro séculos. É a convergência desses fatores adversos o ponto

de partida da escrita de *Arbre de l'oubli*, o que torna válido enfim perguntar: não será afinal no conflito que se encontra o caminho?

Por isso, quando ela se refere à jovem, partes da narrativa estão em segunda pessoa, como refrão, como se a autora quisesse prevenir-se contra qualquer acusação de apropriação cultural ao aproximar escravidão e dominação moderna. A própria ideia de ficção, entretanto, contradiz a de apropriação cultural, mesmo que se experimente crescente desconforto durante a leitura, que se interroge sobre a legitimidade que teria a autora para traçar tais paralelos.

Vale considerar ainda, ao finalizar esta primeira leitura entre as que o romance oferece, que Nancy Huston viajou várias vezes à República do Benim para imergir na vida africana, alimentar-se nas bibliotecas do potencial de mitos, ritos, história. Foi lá, e só depois de mergulhar nos livros a respeito da escravidão, que ela sentiu a voz de Shayna, antes que a jovem começasse a falar por ela mesma. Nessas pesquisas destacam-se *Les routes de l'esclavage* (2018) e o saber imenso da autora dessa obra, a historiadora Catherine Conquery-Vidrovitch, especialista em África e que cobre largo horizonte geográfico ao percorrer as diferentes rotas do tráfico para tratar a história da escravatura, do início da Idade Média europeia ao final do sistema escravagista, em 1888. Huston apoia-se ainda no rico material reunido na série de filmes igualmente intitulados *Les routes de l'esclavage*. E foi pela primeira que ela compreendeu a enorme complexidade daquela realidade distante, daquelas histórias que a marcaram profundamente e a levaram a sentir Shayna, a ouvir sua voz, a entender sua cólera. Em osmose, a partir daí, começaram a existir na narrativa onisciente as demais personagens, suas trajetórias pessoais moldadas pelos traumas da infância, pelas crenças religiosas familiares que incorporam as histórias passadas e presentes do mundo, suas grandes tragédias, suas fissuras.

A árvore do esquecimento a que o título do romance faz referência, ou o tronco de Ajudá (Ouidah em francês), é o símbolo de uma cultura esquecida em benefício de outra, do sincretismo cultural que resulta de séculos de opressão. A verdadeira árvore situava-se na Rota dos Escravos, em uma estrada de terra de três quilômetros, na costa oeste africana, a última parte da jornada que um milhão de cativos faziam, a pé, em solo africano, entre Daomé e o porto de Ajudá, no Benim, do fim do século XIV até 1860.

Nesse ano o navio *Clotilda* embarcou os últimos escravos negros destinados à América. À árvore homens e mulheres beninenses confiavam suas intimidades, suas lembranças do continente negro para não manchá-las de dor e de sangue. Escravos em breve, não imaginavam que não mais reveriam seus preciosos tesouros memoriais, suas divindades, que não recuperariam sua identidade cindida. No entanto, em *Escravidão*, Laurentino Gomes (2019) dá a saber que quase a totalidade dos doze milhões e quinhentos mil embarcados nos navios negreiros jamais teve oportunidade de voltar às suas origens. Ao redor da árvore eles eram intimados a girar, os homens nove vezes, as mulheres sete, antes de embarcar nos navios. Assim suas almas poderiam voltar após a morte.

Não é fácil imaginar o que sofreram os forçados a seguir o itinerário original, do coração de Ajudá até os navios que os esperavam no mar. No local foi erigido um monumento, mas tudo desapareceu: os galhos nodosos, as raízes emaranhadas, as histórias dos escravos sequestrados hoje são apenas serragem, ar e pó. É o que conta Felisa à amiga Shayna, afrodescendente como ela. No centro da história, a cólera dos afro-americanos se exprime por intermédio dessas duas jovens, cujas origens traduzem as condições difíceis de vida dos negros, os privilégios da burguesia branca e das forças que historicamente têm se empenhado em “branquear” ou apagar definitivamente as culturas de matriz africana em solo americano.

Nas últimas páginas desse livro denso e proteiforme, o ciclo se fecha. Voltamos ao começo, a Hervé, o médico humanitário americano, amor de Shayna, que a apaziguará, a fará compreender, a aceitar-se, a entregar-se:

Quero me entregar a Hervé, amo esse cara, adoro viajar com ele, ele diz que preciso ser levada pela mão e que ele quer ser a mão em questão. OK, quero ser novamente levada por essas mãos – adoro observar seus longos e poderosos dedos, massageiem eles meus seios ou prestem primeiros socorros a uma vítima de enchente. Nos conhecemos há seis meses apenas, mas queremos trabalhar juntos por toda nossa vida. Ele me ama, nós dois nos amamos loucamente, talvez um dia eu carregue seu filho, mas antes de pensar em uma gravidez, devo encontrar uma maneira de colocar alguma ordem na bagunça da minha identidade (p. 63).

Foi no outono daquele ano (2015) que Shayna começou a preparar a viagem para Burquina Faso, “transbordante de energia, eficiência e curiosidade... (...)”

profundamente apaixonada” (p. 306). “Eu mal me reconheço”, ela admite a Felisa, sua amiga.

No final de *Arbre de l'oubli* (p. 309), nos agradecimentos de N. Huston, o último deles é dedicado a Dany Laferrière, que lhe escreveu, em 2019: “Legba, o deus que fica na fronteira, que permite passar do mundo visível ao mundo invisível (ida-volta) te acompanhará este ano”. É verdade, Papa Legba é o deus dos escritores, deus do panteão vodú; sua silhueta aparece na maioria dos romances do escritor haitiano-quebequense, está também presente em sua espada da Academia Francesa de Letras – a mais prestigiosa instituição literária do mundo. Representado em Ajudá, no Benim, Legba definitivamente não é sedentário: assim como Nancy Huston viajou nos navios negreiros, veio ao Brasil, foi a Cuba, ao Haiti, permitindo aos mortais passarem do mundo visível ao mundo invisível, depois voltar ao mundo visível.

Quando escrevi este artigo, refleti a respeito dessa simbologia e sabedoria, da imortalidade, ato contínuo pensei em Legba, esse espírito das portas de entrada, que ninguém sabe muito bem de onde vem. Amado pelos fons e iorubás, ele é conhecido por outros nomes: Exu, Elegbara, Eleggua..., permanece em todos os lugares onde pisou, mestre do começo e do fim das coisas, um guarda e um sábio. Toda a cultura popular americana é, portanto, assombrada por Legba, o “Trickster”. Para Laferrière, trata-se de um deus africano que conquistou a América, um deus triangular, dos migrantes, do retorno impossível. “Não vamos voltar ao ponto de partida porque o movimento é incessante. Esses escritores do exílio deram um novo significado à palavra viagem”, disse o imortal em seu discurso de acadêmico.

Assim, pensando, por último, oportuno e importante, ao comemorarmos com este número os vinte anos da *Interfaces Brasil/Canadá*, o meu agradecimento especial a Zilá Bernd. Fundadora da revista em 2001, Zilá fez dos estudos canadenses um lugar de encontro entre pesquisadores de renome. Muitos deles tornaram-se amigos, continuaram se encontrando nas páginas da revista e fora dela também. Zilá é mulher do presente, não importa a época, é farol, exemplo, amiga e inspiração. Que continue por muito tempo, generosamente “interfaciando” em movimentos incessantes, abrindo a passagem por onde andar, entre os mundos visível e invisível, e vice-versa.

Obrigada, Zilá, por tanto, por tudo!

Referências

ACHOUR, Christiane Chaulet. *Couleur métisse II: Nancy Huston (Arbre de l'oubli)*. Disponível em: <https://diacritik.com/2021/06/04/couleur-metisse-ii-nancy-huston-arbre-de-loubli/> Acesso em 27 set. 2021.

ARGAND, Catherine. Entretien: *Lire*, n. 293, p. 31-35, mar. 2001.

GOMES, Laurentino. *Escravidão*. Volume I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Éditions Mouton, 1976, p. 163 (apud Muxel, p. 9).

HUSTON, Nancy. *Arbre de l'oubli*. Paris: Actes Sud/Leméac, 2021.

_____. *Espèce fabulatrice*. Paris: Actes Sud/Leméac, 2008.

MUXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris: Armand Colin/Nathan Université, 1996.

Notas

¹ Professora aposentada. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: nubiajh@gmail.com.

² Todas as traduções dos excertos de *Arbre de l'oubli* são de minha autoria.

³ Tradução minha.

⁴ Idem